

População sem-teto sofre com inverno mais rigoroso no DF. Apesar do aumento gradual das temperaturas nos últimos dias, desassistência é principal desafio com o qual essas pessoas precisam lidar diariamente. Instituições oferecem apoio, mas demanda cresceu na pandemia

Ajuda para enfrentar a fome e o frio

» EDIS HENRIQUE PERES
» RAFAELA MARTINS
» YASMIM VALOIS*

Encolhidos em becos, com cobertores e roupas que não protegem totalmente do frio, inúmeras pessoas em situação de rua tentam sobreviver durante o inverno na capital do país. Os termômetros do Distrito Federal marcaram, em 1º de julho, 4,6°C no Gama, com sensação térmica de quase 1°C. Esta estação bateu recorde de registros e é considerada a mais gelada desde 2002, quando o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) começou a monitorar automaticamente a variação. Mesmo com o tempo mais ameno nos últimos dias, as mínimas afetam a vida de quem não tem abrigo. E, para prestar apoio à população que enfrenta esses desafios diariamente, os brasilienses têm se mobilizado, de maneira autônoma ou por meio de projetos sociais, para doar itens como alimentos e agasalhos a quem mais precisa.

Além do frio, a fome castiga. À noite e pela manhã, quem passa pela Rodoviária do Plano Piloto ou pelo Setor Comercial Sul (SCS), por exemplo, encontra diversas pessoas nessa situação. A Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) calcula que existam, ao menos, 2 mil pessoas vivendo as-

sim no DF. Desse total, 152 são crianças, e 59, adolescentes. Os números podem ser maiores do que os estimados pela pasta, pois dependem de autodeclaração.

No vaivém de passos apressados, a população sem-teto se torna invisível para muitos. Wesley Oliver, 26 anos, sente-se assim. “Tem um ano e seis meses que estou na rua. Tive um desentendimento com meu pai, não consegui emprego. Sou bom com vendas, mas ninguém me dá uma oportunidade”, relata, enquanto acompanha o raiar do dia com sete amigos, em um beco no SCS. “Meus verdadeiros companheiros são esses aqui”, diz, enquanto aponta para os colegas, deitados. “A gente se ajuda. Todo mundo sai para a rua, tenta conseguir alguma coisa. De noite, montamos um fogãozinho a lenha e fazemos alguma coisa para comer. Também recebemos apoio de algumas pessoas que trazem almoço ou jantar”, completa.

Na última quinta-feira, o grupo recebeu doações de gorros de lã. Mesmo alegres com o gesto, não escondem as dificuldades enfrentadas por passar a noite na rua. Uma das integrantes do grupo, que pediu para não ser identificada, desabafou: “Somos muito humilhados”. Ela acrescenta que, por vezes, a população do local sofre com a truculência da polícia e de pedestres. “Eles che-

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press - 16/7/21



Dados da Secretaria de Desenvolvimento Social revelam que cerca de 2 mil pessoas estão em situação de rua, porém, números podem ser maiores

gam xingando, batendo. E a gente só está aqui jogando baralho, brincando. Não tem nada de errado nisso. Acho que ninguém tem o direito de bater no outro assim, de graça”, pontua.

Suporte

Atualmente, o DF conta com dois Centros de Referência Especializados para a População em Situação de Rua (Centros Pop). Lá, recebem suporte individual e coletivo, participam de oficinas, além de atividades de convívio e socialização. O espaço não funciona como abrigo, mas é possível guardar pertences, fazer a higiene pessoal, refeições — café da manhã, almoço e lanche —, bem como providenciar documentos. Os grupos atendidos também contam com orientação sobre direitos e para acessar outros tipos de serviço de assistência.

Ainda assim, o serviço não é capaz de suprir todas as necessidades da população em situação de rua. Há seis meses sem teto, Wendell Nery, 31, conta que raramente visita o Centro Pop. Ele diz se sentir mais seguro em frente a uma agência bancária no SCS, devido à proximidade de um posto da polícia militar. “É um local tranquilo”, afirma o autônomo, que acabou nas ruas depois de ficar sem fonte de renda. “Eu trabalhava com lavagem de carros. A situação estava ruim, mas a pandemia piorou tudo. Fiquei sem pagar o aluguel e não tive outra escolha”, lamenta.

Apesar das dificuldades, Wendell não desiste e continua a procurar emprego: “É difícil, porque ninguém quer dar uma oportunidade. Sem isso, não tenho como sair daqui (da rua). Mas a gente tenta fazer um serviço ou outro. Sinto falta dos meus filhos, todo dia penso neles. Tenho cinco, com idades de 4 a 12 anos. Gostaria de ajudá-los, mas não os vejo faz tempo”.

Dignidade

A Casa Santo André, por exemplo, atua com assistência a pessoas socialmente vulneráveis. Contudo, a equipe enfrenta dificuldades para conseguir mantimentos, roupas e para garantir a saúde de pessoas reféns dessa situação. “Em épocas de frio, contamos com pessoas de bom coração que fazem campanhas de agasalhos e cobertores”, relata a voluntária Maria da Penha, 57. Atualmente, alguns acolhidos trabalham, têm família e conseguem contribuir com a iniciativa. “O governo colaboraria mais no suporte para essa população fazendo mais casas de acolhimento e pernoite”, sugere.

Especialista em políticas públicas e socioeducação, Ravan Leão, explica que a legislação brasileira prevê a garantia de



Wendell Nery está há seis meses na rua, desde que perdeu a fonte de renda

Como ajudar

Casa Santo André
Telefones: 3327-9390 / 984-154-176
Doações: CNPJ 07.354.105/0001-98 (PIX)

Centro Pop Taguatinga
Endereço: QNF 24, A/E nº 2, Mód. A, Taguatinga Norte
Telefone: 3773-7556
E-mail: centropoptaguatinga@sedes.df.gov.br

Centro Pop Brasília
Endereço: SGAS 903, Conjunto C
Telefone: 3773-7561
E-mail: centropopbsb@sedes.df.gov.br

Serviço Especializado de Abordagem Social
Caso encontre uma pessoa ou família em situação de rua precisando de ajuda, é possível acionar a central de atendimento do serviço pelo telefone 3322-1441. O atendimento acontece das 8h às 20h. O número 162 pode ser usado em situação de emergências.

suporte às pessoas em situação de rua. “Temos situações bem diferentes. Os motivos que os levam a isso são diversos: há quem se envolveu com alguma questão de delinquência, outros que estão doentes, além de diversas outras problemáticas, como o desemprego. E, mesmo existindo serviços de acolhimento, não são todos que o procuram”, comenta.

Para Ravan, o melhor caminho para solucionar o problema seria fortalecer vínculos familiares e comunitários. “Cuidando da família, independentemente do arranjo ou formato dela, é possí-

vel diminuir o número de pessoas na rua. No período de inverno, por exemplo, o Estado, por si só, não consegue suprir todas as necessidades dessa população. Mas é importante que o governo busque oferecer uma vida com dignidade, sem manutenção da pobreza”, opina. “O melhor jeito é trabalhar na prevenção da saída dessas pessoas de casa, mas isso só é possível se entenderem os fenômenos que levam à fuga familiar e à busca de uma solução nas ruas”, completa.

*Estagiária sob supervisão de Jéssica Eufrásio

CAMPANHA DE ARRECADAÇÃO

Quando sobra
AMOR
nada fica faltando.

DIÁRIOS ASSOCIADOS

Nesses tempos difíceis, o que você tem aí sobrando além de fé, otimismo e esperança? Algum alimento não perecível, um cobertor ou um agasalho?

O Programa Correio Braziliense Solidário está com uma Campanha de Arrecadação para ajudar os que mais precisam.

Faça sua doação:

Drive-Thru: estacionamento do Correio Braziliense SIG – Quadra 2 – nº 340 ou nas Blitz da Rádio Clube FM

apoio:



realização:

CORREIO BRAZILIENSE

